

SER-LIBRAS: UMA PROPOSTA EM DESENVOLVIMENTO EM PARCEIRIA COM ESCOLA BILÍNGUE ALFREDO DUB

JEFERSON DE LIMA MENDES²; SIMONE MARQUES PEREIRA³; ROGERS
ROCHA¹

¹Discente UFPEL – jefersonmendes1980@gmail.com

²Discente UFPEL – simonemarquespereira2286@gmail.com

³Federal de Pelotas – rogers.rocha89@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A representação escrita de línguas de sinais tem sido um campo de pesquisa e desenvolvimento contínuo. Diversos sistemas foram propostos ao longo do tempo, cada um com suas próprias abordagens para registrar a complexidade visual dessas línguas. No entanto, um dos maiores desafios tem sido conciliar um sistema de escrita que seja acessível, eficiente e que minimize a carga cognitiva para seus usuários. O Sistema de Escrita e Registro da Libras, SER-Libras, representa um marco significativo no campo da escrita para Língua Brasileira de Sinais, o qual surgiu como uma resposta a necessidade de um sistema de registro que fosse mais econômico, objetivando ser uma ferramenta que pudesse capacitar seus usuários na comunicação e no registro de sua própria língua. O Sistema surgiu devido à necessidade de um sistema mais econômico do que o SignWriting (SW), que é uma proposta mais conhecida, porém de difícil compreensão por conter muitos traços e muitos símbolos.

O referido sistema surgiu em 2022 no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina em aula de Libras e tanto o intérprete quanto a professora de Libras identificaram nas produções dos alunos representações tanto de um estilo pictográfico (desenho) quanto iconográfico corporal (desenho das próprias mãos) para representar os sinais. Assim, foi se desenvolvendo um novo sistema. Tanto o intérprete quanto a professora, pensaram usar o SW, porém, devido a sua complexidade como traços e quantidade de símbolos foi se adaptando um outro sistema que fosse mais rápido e confortável, considerando também os parâmetros da Libras.

Atualmente, o projeto de pesquisa que investiga o SER-Libras ganhou espaço na Escola Bilíngue Alfredo Dub em Pelotas para uso nas aulas de Libras para representar a língua materna dos surdos como uma feramente didática e pedagógica e se fez necessário compreender como está sendo a experiência com as professoras que utilizam o sistema desde o início do ano de 2025. Portanto, elaborou-se algumas perguntas por meio da metodologia de entrevista e tanto as perguntas quanto as respostas serão descritas nos resultados seguidos por uma pertinente reflexão.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada através do método qualitativo, onde os fatos se alicerçam em três pilares. Primeiro pilar; as reuniões do grupo de pesquisadores do projeto SER-Libras com professores de Libras da Escola Bilíngue Alfredo Dub; segundo pilar seria a observação, interpretação e participação interacional; e o terceiro pilar seria o desenvolvimento sistema de escrita. Tais pilares nos direcionaram aos registros e descrições para a coleta de dados, na forma de entrevista, através do discurso das professoras de Libras da Escola Bilíngue Alfredo Dub.

Foram utilizados neste projeto de pesquisa relatos, vídeos, fotos para registros e entrevistas. Contudo, a entrevista estruturada foi nosso enfoque, pois adquiriu-se significativa contribuição para definir que o projeto apresenta extraordinário sucesso auspicioso para a comunidade surda e ouvinte. A entrevista estruturada foi muito importante na coleta de dados, pois segundo Prodanov e Freitas, “É necessário ter um plano para a entrevista, visto que, no momento em que ela está sendo realizada, as informações necessárias não deixem de ser colhidas.” (Prodanov e Freitas, 2013)

O projeto (SER-Libras) foi implantado, nesta pesquisa, na prática e na teoria, tendo por finalidade registrar a experiência e a participação do grupo escolar nas temáticas apresentadas e, não menos importante, a lapidação de um sistema inovador que busca a socialização e integração da comunidade surda, além de prepará-los, ainda mais, para um futuro educacional sólido, consciente e democrático.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista

As pessoas entrevistadas foram duas professoras surdas da Escola Bilíngue Alfredo Dub que ministram à disciplina de Libras as quais chamaremos de professora “A” e professora “B”. A primeira pergunta foi:

1. Você já teve experiência com SignWriting?

Resposta da professora A: Aprendi o SignWriting na faculdade de Letras Libras como disciplina obrigatória cursando o nível 1, 2 e o 3, mas por muito difícil a compreensão do sistema não despertou interesse no aprendizado e nem interesse ensinar a escrita depois de formada.

Resposta da professora B: A primeira experiência foi na Universidade Católica por meio de uma bolsa e também na faculdade de Letras Libras, mas na época quando foi ministrado aqui na escola como projeto não participei. A direção não aceitou a continuidade do projeto devido à falta de clareza dos objetivos propostos bem como a falta de interesse dos alunos.

2. Você acha o aprendizado SW fácil ou difícil?

Resposta da professora A: Não tenho interesse nenhum por essa escrita. Ela é muito difícil. Particularmente, tenho trauma, pois o nível de complexidade me causou ansiedade. Tenho trauma das notas porque eram sempre baixas.

Resposta da professora B: Na época que aprendi eram poucos símbolos, agora são muitos e não tenho tempo para ficar estudando muito. Nos momentos de provas na faculdade, me causou nervosismo e estresse. Alguns colegas comprehendia o básico e outros ficavam muito ansiosos por não entender.

3. O que estão achando da experiência com o SER-Libras na Escola Alfredo Dub?

Resposta da professora A: A proposta está sendo inicial na escola, mas o aprendizado está sendo rápido por todos. É importante um projeto dentro da escola para combinarmos os sinais.

Resposta da professora B: Começou com algumas miniaulas para os professores e fui assistir de curiosa e achei muito fácil a compreensão. Hoje, eu digo que é possível aprender e ensinar os alunos porque a escrita é leve. O SW tem uma estética muito escura também. Precisa pintar e demanda tempo me deixando bem nervosa. Ao comparar as duas propostas, o SER-Libras é muito mais leve e mais fácil. Essa é a minha opinião. Pra mim, é positivo. Visualmente é mais suave o SER-Libras até mesmo nas fotocópias saem melhor e não cansa os olhos. Dá prazer de ver. Minha opinião.

Resposta da professora A: O SW tem muitos traços e são muito quadrados. Quando era aluna, nas provas tinha que ficar horas pintando até ficar bem escuro.

4. O que vocês acharam dos jogos criados para fazer atividades mais lúdicas com o SER-Libras pelo grupo de pesquisa?

Resposta da professora A: Os alunos aprenderam muito rápidos exceto o primeiro ano que está demorando um pouquinho. Acho muito importante antes de dar algum exercício, aplicar os jogos para os alunos assimilarem o conteúdo com mais facilidade. Eles associam a escrita com a imagem e aí depois vem atividade com exercícios, pois assim assimilam com mais facilidade também.

Resposta da professora B: Ainda não tive tempo de aplicar os jogos.

4. CONCLUSÕES

Vale destacar que o SER-Libras iniciou no Colégio de Aplicação da UFSC para sanar a mesma problemática que as professoras mencionam na Escola Bilíngue Alfredo Dub por meio da entrevista, pois as professoras ensinavam a Libras sem um suporte didático visual que representasse a língua aprendida. O SW sempre foi à primeira opção a se pensar por ter sido o sistema mais divulgado nos cursos de Letras Libras, mas devido a sua complexidade não se torna interessante como uma ferramenta didática e pedagógica.

Foi relatado sobre o SW características estruturais como quantidade de traços, tipo de traços bem como o tempo que leva para registrar ou escrever os

sinais causando desconforto e que afetou aspectos emocionais das professoras quando eram alunas do curso de Letras Libras. Tudo isso as levou a se distanciar do referido sistema e facilitar na aceitação de outro com características mais fácil (de acordo com elas) na hora de escrever.

Por isso, é importante repensar sobre o currículo dos cursos de Letras Libras bem como o currículo das escolas bilíngues de surdos, considerando também a participação da comunidade surda para que disciplinas e conteúdos não sejam de caráter impositivo, desconfortável quando se tratar da Língua Brasileira de Sinais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Prodanov, Clebe Cristiano e Freitas, Ernani Cesar. Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2 edição, Novo Hamburgo, RS. Universidade Feevale, 2013.